

## A COCRIAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO NO MUSEU DO DOCE DA CIDADE DE PELOTAS – RS

JULIANA AMARAL CAMPELO<sup>1</sup>; FLÁVIA BEATRIZ GOULARTE BRASIL DIAS<sup>2</sup>;  
CLÁUDIA CRISTINA PEREIRA DE CARVALHO<sup>3</sup>; PRISCILA VASCONCELOS  
CHIATTONE<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – Jujubacampelo@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – flaviabrasildias@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas - cc272488@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas –priscilachiattonne@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A cocriação em espaços museológicos tem se consolidado como uma abordagem inovadora que transforma visitantes em protagonistas da experiência cultural. Ao romper com o modelo tradicional de fruição passiva, a cocriação promove a aprendizagem ativa, a interação social e ambiental, e a personalização da vivência museal (Simon, 2010; Falk & Dierking, 2013). No contexto brasileiro, museus como o Museu do Doce de Pelotas vêm explorando essas práticas para fortalecer vínculos com a comunidade e valorizar o patrimônio imaterial local.

Pelotas, reconhecida nacionalmente pela tradição doceira, abriga um museu que não apenas preserva receitas e utensílios, mas também ativa memórias afetivas e coletivas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2024). A proposta de cocriação nesse espaço se alinha com os princípios da museologia social, que busca democratizar o acesso e estimular o engajamento dos públicos (Chagas, 2014). Além disso, a cocriação permite que os visitantes contribuam com narrativas, saberes e práticas, tornando o museu um espaço vivo e dinâmico.

A justificativa desta pesquisa reside na necessidade de compreender como práticas de cocriação podem ampliar o papel educativo e social dos museus, especialmente em instituições que trabalham com patrimônio imaterial e afetivo, como é o caso do Museu do Doce. Em um cenário onde os museus enfrentam o desafio de atrair e envolver públicos diversos, investigar estratégias participativas torna-se essencial para promover experiências mais significativas, inclusivas e sustentáveis. A cocriação, ao contemplar dimensões como aprendizagem, participação ativa, interação social e ambiental, e personalização da experiência, representa uma oportunidade de reconfigurar o papel do visitante — de espectador a colaborador.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral investigar como as práticas de cocriação desenvolvidas no Museu do Doce de Pelotas contribuem para a construção de experiências museológicas significativas, considerando as dimensões de aprendizagem, participação ativa, interação social e ambiental, e personalização da vivência dos visitantes. Especificamente, busca-se:

- Investigar como a cocriação é implementada no Museu do Doce de Pelotas;
- Analisar as dimensões de aprendizagem, participação ativa, interação social e ambiental, e personalização da experiência;
- Compreender o papel da observação participativa como ferramenta metodológica para captar práticas de cocriação;
- Identificar os impactos da cocriação na relação entre o museu e seus públicos.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa adota a observação participativa como método principal, permitindo ao pesquisador vivenciar e registrar as interações entre visitantes, mediadores e o espaço museológico. Essa abordagem qualitativa favorece a compreensão dos processos de cocriação em tempo real, valorizando os aspectos subjetivos e relacionais da experiência (THIOLLENT, 2011). A coleta de dados foi realizada no dia 27 de maio de 2025, acompanhando a visita de alunos do curso superior de tecnologia em hotelaria.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência observada evidenciou a presença ativa dos visitantes e a promoção de aprendizagens significativas por meio da interação com objetos, histórias e pessoas. Durante a visita, os alunos demonstraram curiosidade e participaram ativamente de atividades propostas, como jogos e dinâmicas, que incentivaram a troca de ideias e experiências pessoais relacionadas ao patrimônio doceiro.

Observamos maior interação social apenas entre os visitantes do museu, pois com os recepcionistas limitou-se somente a recepção, visto que não teve visita guiada. O espaço físico do Museu do Doce favoreceu a convivência e o diálogo, reforçando o caráter participativo da proposta. As observações convergem com Simon (2010) e Silva (2018), ao apontarem que museus participativos tendem a gerar maior engajamento e personalização da experiência.

A visita técnica ao Museu do Doce, realizada no dia 27 de maio de 2025, foi uma experiência rica e imersiva tanto para os alunos do curso de Hotelaria da UFPel quanto para nós, autoras deste relato. Acompanhamos o grupo sob orientação da professora Priscila Chiattoni, e utilizamos como metodologia a observação participativa, pois estivemos ativamente envolvidas em todas as etapas da visita.

Durante a atividade, tivemos a oportunidade de interagir com os estudantes, com os profissionais do museu e com os espaços expositivos. Não apenas observamos, mas também participamos dos jogos interativos e das experiências sensoriais propostas, o que tornou o momento ainda mais significativo ( fig.1 ). Foi possível perceber o engajamento dos alunos ao explorarem os espaços, ao experimentarem os recursos tecnológicos, e ao se conectarem com os aspectos históricos e culturais apresentados.

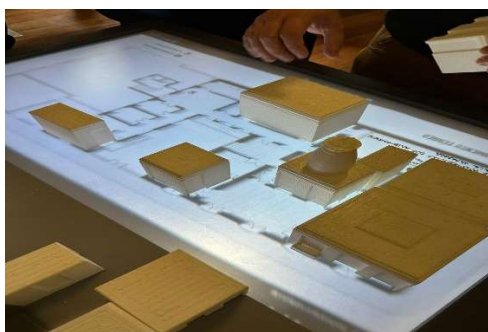


Figura 1- Jogo interativo de montar onde os participantes posicionam os ambientes do casarão na planta do pavimento térreo. Fonte: os autores, 2025.

Destacamos especialmente o ambiente acolhedor e instigante criado pelo museu, que proporciona uma verdadeira imersão na história da doçaria da região. Os elementos expositivos como objetos, utensílios antigos, vídeos, receitas e entrevistas foram combinados com recursos modernos de musealização, despertando memórias afetivas e estimulando a troca de saberes entre os visitantes.

Essa participação ativa nos permitiu compreender melhor o impacto pedagógico da visita para os estudantes de hotelaria, e também refletir sobre como os museus podem ser espaços educativos dinâmicos, capazes de unir tradição e inovação.

Entretanto, verificou-se que, apesar dos avanços, ainda há oportunidades para que o museu amplie suas práticas de cocriação. A incorporação de ferramentas digitais interativas, maior estímulo à contribuição espontânea dos visitantes e sistematização de feedbacks poderiam fortalecer ainda mais a vivência cocriativa.

#### **4. CONCLUSÕES**

A cocriação no Museu do Doce de Pelotas representa uma prática museológica contemporânea que rompe com modelos expositivos tradicionais e promove o envolvimento ativo dos visitantes. Ao integrar dimensões como aprendizagem, participação, interação e personalização, o museu se torna um espaço de construção coletiva de significados, onde o patrimônio doceiro é celebrado não apenas como objeto de contemplação, mas como experiência compartilhada.

A observação participativa revelou-se uma metodologia eficaz para captar a riqueza dessas interações e compreender os impactos da cocriação na vivência museal. Os resultados indicam que, embora o Museu do Doce já desenvolva práticas de cocriação, há potencial para aprimorar e expandir essas iniciativas, consolidando-se como referência em museologia participativa e educação patrimonial.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Chagas, M. (2014). *Museologia social: reflexões e práticas*. Rio de Janeiro: IPHAN.

Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2013). *The Museum Experience Revisited*. Walnut Creek: Left Coast Press.

Simon, N. (2010). *The Participatory Museum*. Santa Cruz: Museum 2.0.

Silva, R. A. (2018). Cocriação em museus: experiências e desafios. *Revista Museologia e Patrimônio*, 11(2), 45–60.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. *Museu do Doce – UFPeI*. Museu do Doce, 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>. Acesso em: 20 ago. 2025.